

Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: percepções de uma estagiária

Jocasta Andrade

3

Resumo: Este trabalho faz parte da vivência na pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), no cenário de retorno dos alunos da rede pública de ensino do Rio Grande do Norte para as salas de aula. Com esse cenário incerto, foi realizado pela autora dois estágios obrigatórios, do ensino infantil e do fundamental, em instituições públicas de Natal/RN. O objetivo da pesquisa é explorar o universo de transição das crianças da educação infantil que se transformam em alunos no ensino fundamental, sob a perspectiva do estágio obrigatório, realizando uma pesquisa qualitativa, através de um artigo de relato que traz a experiência da autora nos seus estágios obrigatórios I e II. Percebemos que o sistema educacional ainda separa a criança do aluno, no fundamental, retirando consideravelmente os fatores táteis, lúdicos e interconectados do ensino infantil que busca um aprendizado conectado à experimentação.

Palavras-chave: Estágio obrigatório; Anos iniciais; covid-19.

INTRODUÇÃO

O ser professora acompanha a dualidade de que seguimos sendo alunos, somos aprendizes na nossa formação inicial no curso de Pedagogia, com nossos alunos na sala de aula, e nas formações pós-academia seja nos espaços formais e não formais de ensino.

Não existe fórmula certa para formar um professor, mas aqueles que trilham pelo caminho acadêmico, destacam o campo dos estágios obrigatórios, a vivência que possibilita ao aluno de pedagogia conhecer a realidade das escolas e dos diferentes níveis de ensino. Compreendemos esse momento como conectado aos aprendizados do curso de Pedagogia e das experiências trazidas pelos próprios alunos.

Os estágios obrigatórios do curso de Pedagogia são uma etapa muito aguardada e significativa no processo de ensino e aprendizado dos graduandos. Na visão de muitos ingressantes no curso, o estágio é o momento de vivenciar na prática “como ser professor”, frequentemente a dualidade do curso teoria e prática entra em um campo de discussão, quando na verdade os elementos teóricos e práticos são componentes conectados na formação do aluno de Pedagogia. As experiências na universidade com docentes e discentes promovem uma experiência da visão das escolas e do próprio processo de ensino em nosso país, são nos textos, artigos e livros lidos, nos relatos dos colegas já atuantes na área, trazendo seu olhar da rede pública ou privada do ensino, são nas atividades e trabalhos em grupo, são nos combates das ideias e questões socioculturais que fazem da vivência na universidade um campo de múltiplas experiências e conhecimentos acerca do fazer pedagógico.

O outro aspecto são os estágios obrigatórios, as vivências dentro das escolas, quando entramos em contato com distintas realidades de ensino e aprendizagem, e especialmente a observação do fazer pedagógico, as relações e dinâmicas professores e alunos. Talvez o maior desafio para o estagiário seja a capacidade de transformar suas observações no estágio e vincular aos ensinamentos e aprendizados trazidos pelo contexto acadêmico e sua capacidade de atuar de forma significativa em suas regências em sala, pensando não em si, mas na escola e alunos que estão inseridos.

Nesse sentido, compreendemos o estágio como uma fonte que promove um campo de pesquisa e reflexão sobre o fazer docente, mas conectado com a realidade escolar e da comunidade. O fazer pedagógico realiza-se nas interações com a escola, comunidade, universidade e nas experiências de vida dos alunos.

O contexto escolar é um dos elementos mais discutidos no campo educacional, assim, quando pensamos em contexto, não podemos ignorar o ambiente escolar e a pandemia global ocasionado pela covid-19, onde assistimos em casa, todas as escolas se fecharem, dando lugar a tela de celulares e computadores que buscaram amenizar esse processo de ensino. Com essas reflexões levantadas é que buscamos nesse trabalho apresentar a vivência da aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos dois estágios obrigatórios, do ensino infantil e fundamental. Trazendo o olhar enquanto discente em formação dentro da sala de aula, com o objetivo de apresentar inicialmente os espaços educacionais no retorno às aulas, após autorização da volta da rede pública de ensino, mesmo no contexto do coronavírus e dos procedimentos de distanciamentos que impactam às escolas.

Os estágios foram realizados de forma presencial e em alguns momentos remotos (sábado letivo). O estágio I – Educação Infantil foi exercido no período de 22 de novembro até 06 de dezembro de 2021, no Centro Municipal de Educação Infantil profa. Carla Aparecida Albernaz Bandeira, em uma turma do nível IV. O estágio 2 foi realizado de 08 de novembro até 19 de novembro de 2021, em uma turma do 3º ano da Escola Estadual Ambulatório Padre João Maria.

O trabalho desenvolve-se em uma pesquisa qualitativa, resultando em observações das experiências, vivenciadas pela autora. Trazendo uma perspectiva do trilhar dos dois níveis de ensino infantil e fundamental, onde as crianças passam por transformações no seu desenvolvimento pessoal e escolar. A pesquisa também realiza uma revisão bibliográfica com artigos e trabalhos de pesquisa. O trabalho tem por finalidade, além de apresentar as vivências dos estágios e o olhar da aluna nessa experiência, discutir e apresentar as relações do ensino infantil e fundamental dos anos iniciais que se conectam, mesmo quando eles

chegam ao ensino fundamental anos iniciais ainda são crianças.

Quando nos deparamos na transição no ensino fundamental dos anos iniciais observamos a presença marcante dos livros didáticos, carteiras em filas, salas sem presença de brinquedos, a infância vai se apagando dando lugar para as disciplinas, bem delimitadas, com horários específicos, com deveres e obrigações. A criança, de protagonista, passa a ser aluno, que tem o livro e professor como fontes do conhecimento. Uma transição significativa na vida das crianças educacionalmente, que vem do ensino infantil, que carrega uma maior ludicidade e materiais pedagógicos que possibilitam o aprendizado mais dinâmico.

O ponto em comum em ambas as instituições de ensino que presenciamos era o tão sonhado momento de sair da sala e brincar, o intervalo/recreio. Nesse espaço livre, os alunos reproduziam suas realidades sociais e culturais, desenvolviam suas relações de amizade, organizavam e criavam seus próprios jogos e regras. Quando observamos no campo pedagógico, precisamos compreender que a própria criança tem seu ritmo de aprendizagem.

Pensando em todo o contexto e discussão apresentado, organizamos nosso trabalho em dois momentos: no primeiro fazemos um relato acerca das vivências na educação infantil apresentando o espaço físico, pedagógico e as observações dessa experiência. No segundo momento, mostramos a experiência do ensino fundamental dos anos iniciais, conectando as distintas realidades dos diferentes níveis de ensino

VIVÊNCIAS NA ESCOLA: ENSINO INFANTIL

A educação infantil é o primeiro contato das crianças com a escola. Nesse espaço, elas colhem novas experiências, conhecem e lidam com os sujeitos diferentes, novas rotinas e vivências, a separação da família e o sujeito criança. No ensino infantil, é proposto para as crianças experiências interconectadas aos saberes e conhecimentos, em uma atividade ou mesmo na rotina, as crianças estão conectadas com a linguagem, matemática, ciências, história, artes, experimentos e tantas outras experiências pedagógicas.

O estágio I foi realizado em uma turma do nível IV, no período de 22 de novembro até 06 de dezembro de 2021, de uma escola localizada no município de Natal/RN, que atende crianças de 1 a 5 anos e 11 meses. A escola oferece aos alunos diferentes espaços para brincar e interagir, além das quadras, brinquedos, campo de futebol, eles contam com o contato com a natureza com árvores pelas escolas, e uma pequena horta.

O espaço estrutural da escola num todo é bastante significativo e presente na vida escolar dos alunos. As crianças demonstraram ter total autonomia dos locais e sujeitos ali envolvidos. A escola, por ser um espaço não muito grande, mas sim amplo, favoreceu para que a criança fosse atuante desse espaço, no brincar, no conviver e no explorar.

O brincar possibilita à criança se expressar, reproduzir e criar situações da sua realidade e imaginação. Estabelecer relações com as demais crianças ampliando seus conhecimentos sobre si e outro como afirma Sousa e Fonseca:

É no recreio que as crianças encontram um espaço flexível para realizarem atividades que escolham, criando, adaptando ou copiando brincadeiras e jogos. Nesse espaço ocorre a ampliação das possibilidades de desenvolvimento da personalidade, criatividade e curiosidade. As interações estabelecidas no brincar despertam nas crianças a iniciativa, a liberdade, a responsabilidade consigo mesmas e com os outros, permitem reelaborar, aprender sobre si mesmas, sobre os outros e suas relações no mundo. (SOUSA; FONSECA, 2020, pág. 112)

As necessidades dos alunos para aquele momento envolviam questões de alfabetização. Como estavam no nível IV, último nível da educação infantil, e eles em menos de 2 meses iriam iniciar no 1º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, percebemos que o processo de alfabetização na educação infantil estava conectado com essa necessidade das crianças em sua transição para a próxima etapa. Quando pensamos na educação infantil consideramos as ideias de Rocha (2001) quando expõe que:

Na educação das crianças menores de 6 anos em creches e pré-escolas, as relações culturais, sociais e familiares têm uma dimensão ainda maior no ato pedagógico. Apesar do compromisso com um “resultado escolar” que a escola prioriza e que, em geral, resulta numa padronização, estão em jogo na Educação Infantil as garantias dos direitos das crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, à natureza, e também ao conhecimento produzido e a produzir. (ROCHA, 2001, p.32)

No espaço infantil, é notório tanto nos planejamentos quanto nas dinâmicas dos espaços que o foco é no aluno e nas suas interações sejam sociais, culturais ou pedagógicas. Quando comparamos as vivências infantil e fundamental, o aluno como ator no processo de ensino e aprendizagem torna-se coadjuvante no ensino fundamental, que segue uma dinâmica voltada para os conteúdos trazidos nos livros didáticos. Um dos pontos positivos da educação infantil é a possibilidade de aprendizado que ultrapassa planejamentos, ocorre na rotina, no diálogo na troca com as vivências junto do aluno.

Mesmo que exista um planejamento e um certo padrão também no ensino infantil, muito ligado ainda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), existe a interdisciplinaridade nos projetos de ensino, que tem uma maior flexibilidade de mudanças, principalmente na rotina. Observamos na rotina durante o estágio, que quando as crianças estavam agitadas ou a atividade não estava fluindo bem, logo adaptava-se e alterava a rotina ou atividade, moldan-

do para a maior necessidade e interesse das crianças.

O ensino infantil aparenta ter maiores possibilidades de transição entre os saberes conectados com outras formas de linguagem e expressão, como a música, dança e a literatura. A inclusão da vivência da estagiária dentro desse ambiente possibilitou esse olhar sobre os ambientes educacionais da professora, dos alunos, da comunidade escolar e da família, todos esses atores são alguns dos que fazem parte da escola.

Portanto, na educação infantil, entendida como principal etapa da educação básica, além da possibilidade de construção integrada do ser criança e a possibilidade de divertir, inventar, descobrir, brincar, comunicar, expressar e experimentar pode ter também um excelente “exercício” para enfrentar a separação entre o trabalho manual característica da sociedade capitalista. (FARIA, 2011, p.13)

O aluno da educação infantil tem como possibilidade no espaço escolar observado o brincar, as atividades artesanais, os materiais lúdicos, os livros literários como fio condutor das aulas e dos projetos, uma rotina mais flexível, dança, músicas e brincadeiras. Além de espaços como parque e brinquedos na hora do recreio. Em oposição, os alunos do ensino fundamental sentem a diferença ao se deparar com carteiras enfileiradas, nas paredes apenas as atividades, um local pequeno na entrada da escola que funciona como pátio e que mal cabe os alunos da escola. Dentro das salas de aula, crianças carregam consigo o fio condutor das aulas, o livro didático. Neste trabalho, compreendemos o livro não como inimigo, mas uma realidade brasileira que nós professores, devemos criar oportunidades de usá-lo e complementar com outras experiências.

As relações sociais e culturais tanto no infantil quanto no fundamental, evidenciam como o contexto social reflete na criança e no seu estímulo na escola. Na educação infantil, em particular, foi muito forte a questão social, crianças de 5 anos, com pais e irmãos presos ou em semiaberto, comentários sobre como preparar drogas, cantar músicas de cunho sexual, e na hora do parquinho reproduzir suas vivências, brincando de polícia e ladrão. A criança construída socialmente, dos comerciais da televisão, é bem distante das crianças da rede municipal, que convivem com famílias desestruturadas, abandonadas pelas mães ou pais. Transmitem um sentimento de “pequenos adultos”, já com experiências para além da fantasia.

Sob o olhar do estagiário, todo o contexto vivenciado e observado no ambiente escolar da educação infantil, principalmente as relações de afeto dos alunos com o espaço, professores, as atividades lúdicas e práticas, são nas experiências proporcionadas pelas docentes que tentam criar possibilidades para os alunos que vem de uma realidade bem difícil,

que não basta a escola, envolve outros fatores como econômicos, sociais e culturais. É na escola que eles têm a possibilidade de expandir suas experiências e “fugir” um pouco da realidade de casa.

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS: ENSINO FUNDAMENTAL

O segundo estágio foi realizado de 08 de novembro até 19 de novembro de 2021, em uma turma do 3º ano, a instituição atua no Ensino Fundamental dos anos iniciais, oferecendo do 1º ao 5º ano e faz parte do Programa Novo Mais Educação, que atende aos alunos da escola de forma integral.

O estágio foi realizado no 3º ano, crianças com 12 anos de idade, no turno da tarde. Com a questão dos protocolos de segurança da pandemia, os alunos foram divididos em dois grupos: uma semana um grupo vinha pela manhã e na outra semana a tarde. Em cada turno, uma professora diferente. Na turma que ocorreu o estágio, eram 18 alunos que foram divididos em grupos de 09 alunos em cada semana.

Nessa turma específica, foi apresentado um cenário peculiar reflexo da realidade que convivemos por causa da pandemia de covid-19. A professora dessa turma estava em trabalho remoto, ela em casa pela plataforma Google Meet, e os alunos em sala de aula, com a professora em uma tela de notebook e uma caixa de som pequena na mesa da sala. Essa situação ocorreu, pois de acordo com a lei nº 14.151, de 12 de maio de 2021 profissionais grávidas deveriam ficar afastadas de suas atividades, podendo realizar atividades remotas (teletrabalho). Dessa forma, a turma do 3º ano vinha tendo aulas invertidas, a professora de forma remota, que contava com o apoio de uma funcionária da secretaria para ficar em sala e auxiliar em alguns momentos necessários em sala.

A experiência no ensino fundamental nesta circunstância, antes não vivida, precisou de uma análise e sensibilidade da estagiária, em estar em sala com as crianças e distante da professora. A forma de contato de ambas foi pelo aplicativo de comunicação Whatsapp e Google Meet, totalmente remoto, o que foi sentido pela estagiária. Nesse primeiro contato, dois sentimentos foram identificados: o anseio pelos os alunos em ter uma professora presente e a relação de estagiária e professora.

Mesmo a rede de internet e aplicativos de comunicação possibilitando quebrar limites de barreira, o contato presencial tem seu valor simbólico no processo educativo, social e emocional. No primeiro contato com a estagiária, todos já perguntavam se era uma professora nova e se iria ficar com eles. Expressando o desejo de voltar à normalidade, com uma professora em sala de aula.

Nas observações, no estágio obrigatório foi considerado as limitações da professora em

aulas remotas, estar em uma tela de computador limita não apenas o contato, mas o fazer e o olhar pedagógico. Nesse sentido, dentre os recursos e cenário ímpar experienciado, foi admirável o respeito dos alunos pela professora, mesmo ela distante, sua presença e orientações eram seguidas, até nos momentos de falhas técnicas na transmissão. Como também, suas práticas em sala com os recursos disponíveis.

Foi notório as dificuldades, sejam pelos alunos e professores, a tela da câmera que limitava a visualização dos alunos, o som do notebook baixo, dificultando a compreensão das explicações e falas da docente, ser ouvida era um desafio. As correções aconteceram por fotos enviadas pelo whatsapp e depois comentadas pela professora, que pediu para a estagiária corrigir no quadro em seguida. A estagiária se tornou uma extensão da professora, seus braços e pernas dentro da sala de aula.

Ser uma extensão da professora, para apreciar no contato com os alunos e suas produções, demonstrou a necessidade das crianças com a presença da docente, seja nas explicações, no tom de voz, feições faciais, observar a escrita, a confecção das atividades, nas relações interpessoais dos alunos e seus conflitos. Até mesmo na motivação dos alunos, em muitos momentos a autora observou as crianças cansadas da rotina de espera pelo notebook e das atividades fechadas nos livros.

A rotina em sala era sempre a mesma: a entrada dos alunos, espera da professora no notebook, conteúdos e atividades, intervalo, conteúdos e atividades e saída. Na sexta, os alunos ganham no horário da saída, um momento extra no parquinho, é visto pela professora, o bom comportamento durante a semana. Essa dinâmica em sala, de comportamento e premiações ou perdas, é bastante presente na rotina da educação não somente do fundamental, mas de muitos níveis da educação. O que nos faz refletir sobre essa prática, não com um olhar de julgamento, mas das reflexões que essa prática atinge não somente ao aluno, mas ao professor, nesse sentido, consideramos a fala de Dias e Campos (2015):

Essa prática demonstra como o modo escolar, aquele que valoriza o corpo dócil, disciplinado e passivo, se sobrepõe ao corpo ativo, curioso da criança. Indica, também, como a professora foi disciplinada, como segue as regras lhe garantem ter uma “boa turma”. Esse fato também instiga, a fim de suscitar reflexão, os seguintes questionamentos: como é, para essa professora, manter essa atitude? Quais são seus gastos emocionais? Quais são as suas concepções de criança e de infância? Em outras palavras, essas atitudes reproduzem uma ideologia, um discurso hegemônico, segundo o qual o sujeito, para ganhar prêmios, deve se sujeitar às normas ditadas pelo adulto da relação - nesse caso, a professora. (DIAS; CAMPO, 2015, pág. 642 - 643)

Nesse sentido, considerando o ensino fundamental dos anos iniciais, no qual a criança passa a ser o aluno, também percebemos essa fase como um processo de inserção das crianças no universo dos adultos, através da escrita e leitura, do reforço ao bom comportamento e ao controle do corpo e dos momentos da fala. Essa transição da educação infantil, também é uma fase da criança em um ambiente de maiores responsabilidades e exigência de comportamento. Dias e Campos (2015) também ressalta que:

[...] analisar a passagem da educação infantil para o ensino fundamental compreende que a criança não apenas percebe seu processo de transição, mas também deseja fazer parte do processo de escolarização, bem como apreciar o que significa estar nessa instituição. Além de apropriação da lei e do escrever, outra força propulsora apresentada pelas crianças foi a valorização do mundo adulto, ancorada no fato de estarem crescendo. Nas falas das próprias crianças, aprender a ler é um atributo de “ser grande”. (DIAS; CAMPOS, 2015, pág. 645)

Na vivência do estágio, foi sentido também na fala de algumas crianças esse entendimento que nessa nova fase é sua entrada no universo adulto e com isso novas responsabilidades. Em uma das falas dos alunos durante o estágio, podemos sentir os anseios das crianças: “professora é importante estudar, porque quando crescer quero ter um bom emprego, não quero ser faxineira como a minha mãe”. Na fala da aluna, sentimos os anseios das crianças em terem uma vida diferente dos pais, considerando o ofício do trabalho como possibilidade de mudança social.

Penso que o fundamental na concepção de criança, não é a sua idade, do ponto de vista biológico ou outro, mas as relações sociais que vive, que acabam por tornar a maioria das suas características, como seus brinquedos, suas roupas, seu jeito de viver, o que deve estudar, em que escola deve ser educada. (FRANCO, 2006, p.36)

A condição social dos alunos é um ponto central, tanto na educação infantil quanto fundamental, é algo que aproxima esses dois universos, mas as abordagens das crianças são distintas, os alunos do fundamental tinham em seu comportamento diário nas aulas, de comprometimento e interesse, já se percebia um amadurecimento das crianças mas ao mesmo tempo, “pitadas” da criança ali existente, todo e qualquer momento livre, seja quando terminavam a atividade primeiro e aguardam os colegas ou na espera do toque de saída, eles “burlavam as regras” e puxavam um desenho para colorir. E o tão esperado momento do parquinho na sexta, nos horários finais, naqueles espaços eles podiam libertar a criança ainda presente.

Desse modo, as interações na sala e, de modo especial, as interações mediadas pela professora possibilitam perceber que, no ensino fundamental, ainda que nos discursos cotidianos e nos projetos políticos pedagógicos a brincadeira figure como algo especial, a linguagem privilegiada é a escrita e a brincadeira não é concebida como uma linguagem. (DIAS; CAMPOS, 2015, pág.641)

Como o livro didático é uma ferramenta central no ensino fundamental, tendo foco na linguagem escrita e cálculo, outras formas de expressões e de desenvolvimento das temáticas não são aproveitadas na construção de conhecimento dos alunos, mesmo quando conectados às temáticas, são aproveitadas atividades de escrita e leitura. O livro por si, já traz uma carga imaginária no ensino fundamental, os alunos compreendem o livro como uma porta de acesso ao saber, tem uma simbologia de importância, de agora ele foi aceito para ingressar no universo das letras e do saber do mundo dos adultos.

O tempo para o parque, as brincadeiras diversas, a ampliação de novas experiências às crianças é dificultado por conta das inúmeras cobranças em relação ao uso do material apostilado, tornando um empecilho para a realização de outras atividades potencializadoras, ou seja, aquelas que levam a um nível mais elevado de desenvolvimento psíquico. A fala a seguir nos mostra o quanto está se tornando desafiador trabalhar com esse material, repensado nos espaços do brincar na Educação Infantil. (BARROS, 2009, p. 143)

Repensar o brincar, os jogos e as atividades lúdicas como linguagens de aprendizagem dentro da sala de aula possibilitam novas formas de aprendizado e inclusão do aluno no processo de aprendizagem. Não buscamos passar a imagem do livro didático como algo negativo, mas como uma realidade dentro das escolas, e como pedagogos devemos saber como adaptar as ideias trazidas no material e complementar, buscar outras maneiras de colocar o aluno no processo de aprendizagem, realizando pesquisas, trabalhos em grupo, experimentos, utilizar outras linguagens como as artes: música, pintura, teatro, cordel, dança e tantas outras manifestações que ficam reservadas para a educação infantil.

O apagamento da infância no ensino fundamental foi sentido nas vivências do estágio, seja nas formas de ensino, dividido em disciplinas, no fazer pedagógico, do livro didático sendo o foco nos conteúdos. O próprio espaço da escola, sua estrutura física também reflete esse ensino, principalmente nas salas de aula com carteiras enfileiradas, direcionando o aluno para o quadro branco, sem conversas paralelas.

O ambiente escolar faz parte da vivência e memória dos alunos ao longo da sua trajetória escolar, seja nos brinquedos, sala da diretora, nos bancos da cantina, nos banheiros seja no cantinho mais invisível aos olhos dos adultos. Mesmo com o pouco espaço de brincar

na escola, as crianças possuíam um grande vínculo com parquinho, apesar dos brinquedos bastante gastos, dois escorregos de madeira e balanços, esse local tem um significado para as crianças, pois ali se dava o elo do eu criança deles, onde eles podia ser crianças e não mais alunos.

Enxergamos nas observações que o aluno do fundamental tem uma maior exigência sobre a escrita e matemática, a seguir a rotina e as normas estabelecidas pelos professores, um ensino ainda tradicional, voltado para o professor detentor do conhecimento e esse aluno coadjuvante.

O docente segue em muitos casos o que vivenciou em sua vida escolar. Ser professor é ser um eterno aprendiz, por isso acreditamos sobre o olhar do estagiário em sala de aula. Que com o fazer docente, mesmo que siga uma tradicionalidade, podemos criar oportunidades de aprendizado trazendo o aluno nesse processo, considerando as dificuldades e desafios, avaliando sempre as necessidades dos alunos e seu contexto, foi pensando nesse cenário que as vivências dos estágios foram elaboradas pela estagiária. Respeitando o trabalho da docente, e criando possibilidades de aliar os conhecimentos construídos em sala com outras formas do fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências nos estágios supervisionados na educação infantil e no ensino fundamental possibilitaram conhecer as práticas pedagógicas nas escolas, métodos de ensino, os desafios dos alunos e professores em um contexto tanto adverso da pandemia, um intervalo de quase um ano longe das escolas, e somado aos desafios já existentes no ensino brasileiro. O olhar do estagiário deve ser compreendido como um aliado da professora, uma visão de fora do ambiente escolar atrelado às experiências na Universidade.

Por isso, reafirmamos o olhar do estagiário nessas duas experiências não é tido como julgamento do certo ou errado, pois no fazer pedagógico, nós docentes estamos em constante aprendizado e transformação. Ensinar é um ato complexo seja em qualquer nível que exige do docente, que no Brasil não tem a devida importância como profissional. O ensino não basta, o professor é todo um elemento, dentre o universo de fatores para que as escolas funcionem. Ao trazer essas vivências buscamos apresentar e dialogar sobre os universos da educação infantil e fundamental que, mesmo distintos, têm suas semelhanças.

Foi percebido pela visão da experiência no estágio obrigatório como a transição do infantil para o fundamental é bastante significativa no universo infantil, no fazer pedagógico e no ensino. Enquanto o ensino infantil trabalha com projetos conectados, seguindo necessidades e curiosidades dos alunos, interligando diferentes conteúdos e saberes — além de

salas com uma disposição de maior movimento dos alunos, atividades práticas e experimentais, brinquedos e manipulativos na sala e tantos outros recursos focados na criança —, na educação fundamental dos anos iniciais, no universo observado, há um corte dessa dinâmica sendo distribuído em blocos o conhecimento, cada disciplina tem seu horário, planejamento seguindo livros didáticos, atividades mecânicas, as salas ficam vazias de brinquedos e recursos manipulativos. O imaginário é lúdico e deixado de lado e as linguagens como arte e teatro são pouco exploradas.

Foram com essas observações durante o estágio que compreendemos que novas propostas de ensino fundamental dos anos iniciais devem ser pensadas, conectando os interesses e saberes dos alunos para dentro dos conteúdos escolares. Considerar a educação infantil como uma oportunidade de desenvolvimento pedagógico nos anos fundamentais, envolvendo projetos, pesquisas, atividades e momentos interativos para o aluno e professor na construção do conhecimento, e na formação de sujeitos críticos e reflexivos sobre si e o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. Cadê o brincar?: da educação infantil para o ensino fundamental. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 6 out. 2021.

BRASIL. Decreto nº 14.151, de 12 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.151-de-12-de-maio-de-2021-319573910> >. Acesso em 09/01/2022.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, p. 13-17.

FRANCO, Márcia Elizabete Wilke. Compreendendo a infância. A cumplicidade da escola com o conceito da infância. In. _____ Compreendendo a infância como condição de criança. – 2. ed. - Porto Alegre. Editora Mediação. 2006 (Cadernos da Educação Infantil, v. 11)

ROCHA, Eloisa Acires Candal. A pedagogia e a educação infantil. Revista Brasileira de Educação [online]. 2001, n. 16 [Acessado 7 Fevereiro 2022] , pp. 27-34. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000100004>>. Epub 20 Dez 2012. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000100004>.

SOUSA, Adriéle de Lima; FONSECA, Mônica Padilha. O papel pedagógico do recreio e o direito ao livre brincar na escola. In: FONSECA, Mônica Padilha; SOUSA, Adriéle de Lima. Ludoteca: infância, brincadeira e arte na comunidade. Brasília: Ifb, 2020. p. 106-133. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344306415_Contacao_de_historias_para_crianças_espaco_do_ludico_e_da_imaginacao_na_LudoIF. Acesso em: 25 jun. 2022.
